

Versos
de
João Vital

**O Drama
de S. Jorge**

Vou narrar versos agora
E que versos, Deus clemente?!
Cantando também se chora
As mágoas que a alma sente.

O jornalista, diversos
assuntos, descreve em prosa
O Poeta nos seus versos
igual direito goza.

Deixai-me devanear
no campo da fantasia
E a sós com Deus falar
E com a Virgem Maria.

Se Sois, bondade e amor,
Doce perdão sem ter fim
Por qual a razão Senhor
Que nos castigas assim?

A Vossa ira cessai
E ouvi os rogos meus.
Porque no amor de pai
Está o poder de Deus.

Se os castigos são vinganças
Para quem Te falta ao respeito
Às inocentes crianças
Qual o mal que Te tem feito?

A Nínive, perdoastes
Por amor aos inocentes
Por acaso já mudastes
Os vossos desígnios clementes?

E Tu Virgem sendo mãe,
Toda graça e bondade
A ti Senhora convém
Pedir pela humanidade.

Senhora, pedindo, vences.
Pede, que sois atendida
Dizei-lhe que os jorgenses
Tanto que sofrem na vida.

Este queixume Te faço
Mãe de Deus em oração
E deixo no teu regaço
Esta minha petição.

Agora caro leitor
Contigo eu vou falar
Para esse quadro de horror
Claramente te contar.

No dia quinze de fevereiro
Por um querer da Providência
É que surgiu o primeiro
abalo com violência.

Depois outros vêm surgindo
As casas vão desabando
A grossa chuva caindo
O vento forte soprando.

Tremenda calamidade
Que em S. Jorge se sentia
O granizo sem piedade
Constantemente caía.

O mar rugindo feroz
A costa avassalava
Com ameaças na voz
Até de raiva espumava.

De vez em quando o trovão
Ribomba com voz potente
E por si o franco chão
Tremia constantemente.

Os relâmpagos fuzilavam
Rompendo a escuridão
Anjos maus que anunciavam
A total destruição.

Em casa ninguém ficava
Com medo dela ir ao chão
Cá fora a chuva alagava
Que cruel situação.

*** 4 ***

Errantes assim andavam
Pelas ruas da amargura
E mesicórdia imploravam
Para a sua desventura.

Homens e mulheres choravam
(Quem na amargura não chora)
Pobres jorgenses julgavam
Ter chegado a sua hora.

Velas, Beira e Rosais
Ficaram abandonadas
Só apenas animais
Entre casas desmoronadas.

Para Angra telefonaram
Ao senhor governador
Entre soluços contaram
A sua tremenda dor.



As pobres mães aconchegavam
Ao peito os filhos seus
Os pobres velhos choravam
Pedindo perdão a Deus.

Nasce o dia dezasseis
Com ele uma nova esperança
Mas os abalos cruéis
Rugem com maior pujança.

Mais casas vão derruindo
O pânico maior se faz
Os habitantes fugindo
Deixando tudo para trás.

Quem abandona o seu lar
Seus haveres e animais
Só para a vida salvar
Não podendo salvar mais.

Quando Angra tal ouviu
O que os jorgenses passavam
Um SOS expediu
Aos barcos que aqui cruzavam.

Os que ouvem vão lá ter
Navegando apressados
Prontos para socorrer
Os pobres dos sinistrados.

Até o velho Girão
Pequenino mas valente
Cumpriu uma missão
Que assombrou toda a gente.

Dezassete dia igual
Ao outro que terminara
Porque o forte temporal
Pouco ou nada amainara.

*** 5 ***

Os abalos prosseguiam
As empenas desabavam
Os velhos tetos caíam
Em escombros se tornavam.

Enquanto a Voz da Terceira
Noticiava e pedia
Nesta ilha hospitaleira
Por bem tudo se fazia.

Quando os barcos já chegaram
Com o mar de má maneira
Com muito custo tomaram
Os mártires para a Terceira.

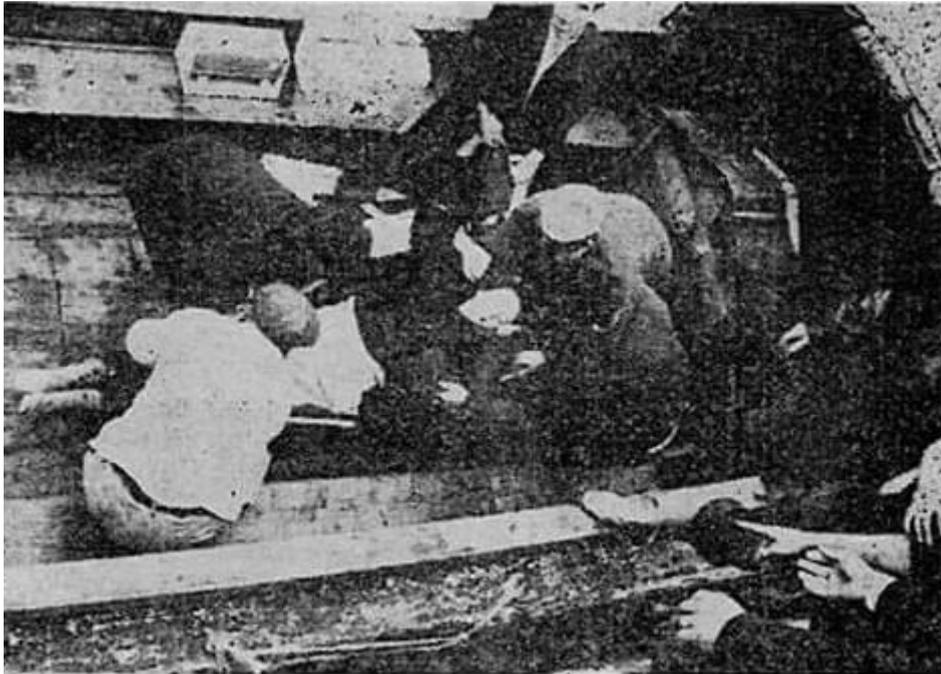
O embarque foi custoso
Numa imensa agonia
Porque o mar furioso
Cruelmente os perseguia.

Uma velha em alarido
Constantemente a dizer
Ai meu S. Jorge querido
Não te torno mais a ver.

Não vejo mais o meu lar
A minha consolação
Nem o meu velho tear
Aonde ganhava o meu pão.

Neste deixar de incerteza
Onde só a dor campeia
Só germinava a tristeza
Que a desgraça semeia.

Um papel preponderante
Teve a Rádio de verdade
Auxiliar importante
da suprema autoridade.



Aqueles que embarcavam
Choravam em convulsões
Porque para trás deixavam
Pedaços dos corações.

Filhos deixavam os pais
Mulheres deixavam maridos
Os velhinhos davam ais
E os doentes gemidos.

Pediu carros particulares
Para transportar os jorgenses
Pediu abrigo nos lares
Dos bondosos terceirenses.

Quando a Rádio tal pediu
A atividade começa
E uma voz só se ouviu
Eles que venham depressa.

Chegam barcos à baía
Começam a desembarcar
Gente triste que trazia
Sinais de muito chorar.

Pouca bagagem traziam
Ao chegarem à Terceira
Era a roupa que vestiam
E a dor por companheira.



Alguém trazia uma coroa
Rasgo de fé com verdade
Símbolo da terceira pessoa
Da Santíssima Trindade.

A Terceira comovida
Abre os braços e diz assim
Vinde, vinde gente querida
Vinde jorgenses para mim.

Angra e Praia igualmente
Recebem os sinistrados
Santa herança que a gente
Temos dos antepassados.

Mil e tantos sinistrados
São na ilha repartidos
E tratados com cuidados
Sendo em tudo atendidos.

Já cá mães deram à luz
E a pobre de uma velhinha
Também já deu a Jesus
A pura alma que tinha.

Já entrada na velhice
Presentiu que ia morrer
Foi a tal velha que disse
S. Jorge não te torno a ver.

Terceira és heroína
Os teus braços resplandecem
Foi Deus que te deu a sina
De abraçares os que padecem.

Santa Maria abriu a mão
S. Miguel abriu as duas
A Terceira o coração
E as portas das casas suas.

A pequena Graciosa
De S. Jorge muito vizinha
Caritativa e bondosa
Nada negou do que tinha.

O Pico gigante forte
Deu géneros e deu dinheiro
Penalizado da sorte
Do seu vizinho fronteiro.

O Faial aos infelizes
Também deu seu capital
Tendo ainda cicatrizes
De uma ferida igual.

As Flores deram também
O seu contributo certo
Bondosa irmã que tem
O seu coração aberto.

Mesmo o Corvo pequenino
Também deu cheio de graça
Contristado do destino
Dos irmão da lusa raça.

*** 7 ***

O ultramar português
Sentindo a mesma dor
Lá mesmo distante fez
Ofertas de alto valor.

Agora a reconstrução
Ó que tremenda labuta
Para a nossa querida Nação
Cansada de outra luta.



E do luso continente
Das empresas nacionais
Tem vindo constantemente
Dinheiro e coisas mais.

Todos querem contribuir
Com a melhor intenção
Mas o peso vai cair
Sobre a alma da Nação.

Até Sua Santidade
Deu bênção e deu dinheiro
Em tamanha quantidade
Do seu amor verdadeiro.

Agora eu vou narrar
O que sente o pensar meu
O caso mais singular
Que em S. Jorge se deu.

O chão tremia, o temporal
Cada vez mais traiçoeiro
Fugiu um pobre casal
Para dentro de um palheiro.

Mas nesse palheiro havia
Alguns animais também
E essa mulher já sentia
Dores que anunciam ser mãe.

Cá fora a chuva batia
Os relâmpagos fuzilavam
Lá dentro a mulher gemia
Os mansos animais berravam.

Pobre marido com fé
Auxílio ao céu implora
Iqualando S. José
Junto de Nossa Senhora.

Maria mãe de Jesus
Amparai a minha amada
Pois também destes à luz
Assim quase abandonada.

Não tenho com que a socorra
Sabes bem mãe de Jesus
Fazei que ela não morra
E o que vem também à luz.

E entre os fundos gemidos
E o rezar do marido
Ouvem-se uns lentos vagidos
Do tenro recém nascido.

É um menino, o pai diz
Como é todo beleza
E já se sentia feliz
Dentro da sua tristeza.

Pega nele muitas vezes
Tal a força do destino
No quente bafo das reses
Aqueceu o seu menino.

São dois quadros tão iguais
Uma gruta e um palheiro
Nos dois havia animais
Em dezembro e em fevereiro.



Nestes pensamentos meus
Há um ponto desviado
Um era filho de Deus
E o outro filho do pecado.

Triste mãe as tuas dores
Igualam a outra mãe
Mas não tivestes pastores
Como outrora em Belém.

Quando o pároco lá chegou
Por ter sido avisado
Logo à entrada ficou
Como que petrificado.

Foi o menino batizado
Para a sua alma ter luz
Com um nome engraçado
Chama-se ele João Jesus.



Mas quem meditar a sério
Vê que há certa parecença
E que há algo de mistério
Em volta desta nascença.

Embora que não cantassem
Os anjos seu sacro hino
Talvez que por lá velassem
O nascer deste menino.

Foi notícia espalhada
Em volta da freguesia
E a mãe era comparada
Na ternura de Maria.

Não tenho mais que contar
Por não ter competência
E não quero abusar
Da vossa benevolência.

Talvez seja censurado
Destes versos escrever
Por ter aproveitado
De alguém o triste sofrer.

Camilo, orgulho de uma raça
Escritor sério e fiel
Se sabia de uma desgraça
Passava-a logo ao papel.

Agora na despedida
Dos pobres versos rimados
Ponho-lhe peso e medida
Nos termos adequados
Sejam uma oração sentida
A Deus pelos sinistrados.

Filho da Virgem das Dores
Justo pai celestial
Findai os cruéis tremores
Que a S. Jorge fazem mal
Amparai sempre os Açores
Salvai, Salvai Portugal.



UNIÃO GRÁFICA ANGRENSE
ANGRA DO HEROISMO
1964

Seis gravuras eu contei
Na capa mais uma vi
Do Drama (*) que apreciei
Ao qual eu não assisti.

João Vital escreveu
(Não foi peça, nem teatro)
O Drama que ocorreu
Fevereiro / sessenta e quatro.

Quadras foram oitenta e três,
No remate duas sextilhas,
Em Angra o livro se fez
Contendo suas partilhas.

Foi em abril que nasci
Não sabia da ocorrência
Mas agora que já li
Percebi qual violência.

Em S. Jorge terra tremeu
E só soube o que isso é
Em oitenta quando sucedeu
Tremor de pesar a fé.

Dezasseis anos de intervalo
De tragédias reais
Entre um e outro abalo
Houve estragos demais.

Outrora foi em fevereiro
A amargura violenta;
A nossa foi em janeiro
Mil novecentos e oitenta.

Eu jamais vou esquecer
A fatídica desgraça
Também eu quis escrever
Oxalá nunca mais faça.

Na certa não há beleza
Na dor e na agonia
Mas há rimas para a tristeza
Como as há para a alegria
Deixo hoje sobre a mesa
O dom que me contagia.

E o que mais me seduz
Num dado e certo momento
É que só mesmo Jesus
Pode dar cada talento
E também tira a cruz
Que existe no sofrimento.

2018/05/15

Rosa Silva ("Azoriana")

Nota: (*) "O Drama de S. Jorge", versos de João Vital. União Gráfica Angrense. Angra do Heroísmo. 1964.